

INTRODUÇÃO

Lecionando alemão como língua estrangeira há alguns anos, muitas vezes para jovens e adolescentes, vi na dificuldade que muitos alunos apresentavam para usar, em contextos autênticos, as estruturas linguísticas que tinham aprendido em aula, a motivação para realizar a minha pesquisa de mestrado. Por que se passam anos aprendendo uma língua para ao fim não ser capaz de falar de si mesmos ou discutir sobre aquilo que interessa? De onde vem a impressão de que o alemão aprendido no contexto escolar ou em cursos para jovens pouco adianta a esses alunos, tornando-se apenas um facilitador para o aprendizado de línguas na idade adulta?

Foram essas perguntas, e a crença de que o aprendizado de uma língua estrangeira deve expandir os horizontes – não apenas mercadológicos – do falante, que me levaram a averiguar as origens da *Landeskunde*, campo responsável justamente por mediar conteúdos referentes a cultura e sociedade dentro do ensino de alemão como língua estrangeira. Em geral tido como um detalhe da aula, ele me parecia pouco explorado dentro dos livros didáticos com quais aprendi e lecionei ao longo da minha vida.

Em meio a essas primeiras averiguações, confirmei outra intuição que carregava comigo há tempos: a de que essa “falha” nos métodos de ensino de alemão como língua estrangeira era apenas a superfície de um problema bastante maior: um problema político, envolvendo concepções de linguagem, formas de socialização e a dificuldade de entrar em entendimento com ideias alheias ao nosso contexto mais imediato. Isso me levou à teoria do agir comunicativo, de Habermas, na qual – além de uma teoria social pertinente – encontrei elementos que me permitiriam aproximar-me novamente desse objeto tão conhecido, os livros didáticos, com um novo olhar.

Optei por analisar livros didáticos – três deles: *geni@l klick*, da editora Langenscheidt em conjunto com a editora Klett, *deutsch.com*, da editora Hueber e *Prima*, da editora Cornelsen – por acreditar que, ao serem uma das grandes forças

que influem na formação de um currículo para o alemão como língua estrangeira, seria a maneira mais direta de abordar os conteúdos que chegam até os alunos.

Assim, com base na *Landeskunde* integrativa e em aspectos da teoria do agir comunicativo – principalmente a racionalidade comunicativa e o mundo da vida – fiz minha aproximação aos livros didáticos através de perguntas-guia tematizando a maneira como são apresentados os conteúdos, a formulação de objetivos de aprendizado, a inclusão da língua materna no processo de aprendizado, a abordagem de *Landeskunde*, o aprendizado culturalmente relevante da língua-alvo e a possibilidade de entrar em entendimento mútuo com indivíduos com backgrounds culturais diferentes.

A escolha dos livros didáticos considerou os lançamentos mais recentes de três das maiores editoras alemãs responsáveis pela produção de materiais didáticos para o ensino de alemão como língua estrangeira. Assim, acredito estar considerando os livros didáticos com os quais potencialmente mais jovens terão contato. Optei por dedicar minha análise a livros didáticos para adolescentes por ser esse o campo no qual trabalhei por mais tempo, além de se tratar do campo de onde surgiu meu questionamento. Por fim, acredito que ao focar os jovens, há um potencial maior para encontrar soluções para a crise de legitimidade com a qual a escola está tendo que lidar.